

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal: O Pântano que Aprendeu a Chamar-se Normalidade

Publicado em 2026-05-03 11:10:00



Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal foi de 15,4% em 2024, mesmo depois de transferências sociais.

- A OCDE assinala que 38% dos adultos portugueses entre os 25 e os 64 anos continuam sem o ensino secundário completo.
- O Reuters Institute descreve o ecossistema mediático português como afectado por dificuldades financeiras, precariedade profissional e ausência de reforma estrutural.
- Segundo notícia da Reuters, com base no Eurobarómetro de 2023, 93% dos portugueses consideravam a corrupção generalizada no país.
- A Transparency International atribuiu a Portugal 56 pontos no Índice de Percepção da Corrupção de 2025, colocando o país na 46.^a posição entre 182 países.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Um país não apodrece apenas quando os corruptos mandam. Apodrece quando os lúcidos se calam, os honestos se encolhem, os medíocres são promovidos e o povo passa a confundir sobrevivência com destino.

A normalização do pântano

Portugal vive um momento estranho, quase clínico, de decomposição silenciosa. Não é uma queda espectacular, com estrondo, clarins e ruína cinematográfica. É pior. É uma degradação lenta, doméstica, burocrática, educada, quase protocolar. Um país que se vai desfazendo sem levantar a voz, como se a decadência fosse apenas mais uma rubrica administrativa em folha timbrada.

A mediocridade nacional já não é episódica. Tornou-se ambiente. Respira-se na política sem grandeza, nos debates públicos sem pensamento, nas televisões que confundem informação com ruído, nas universidades onde demasiadas vezes o diploma substitui a cultura, nas elites barrocas que falam de modernidade enquanto vivem agarradas aos velhos salões do privilégio, e num jornalismo que, em demasiados

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

têm zonas pantanosas. O mais assustador é o pântano ter aprendido a apresentar-se como normalidade.

Há pobreza, mas chama-se resiliência. Há salários baixos, mas chama-se competitividade. Há precariedade, mas chama-se flexibilidade. Há incompetência, mas chama-se experiência política. Há compadrio, mas chama-se rede de contactos. Há submissão, mas chama-se sentido de responsabilidade. Há silêncio, mas chama-se estabilidade.

E assim se constrói a grande mentira nacional: a de que ainda estamos a caminho, quando muitas vezes apenas andamos às voltas dentro da mesma nora, puxados pelos mesmos bois, vigiados pelos mesmos donos e embalados pela mesma cantilena de resignação.

A pobreza como paisagem

Segundo o Instituto Nacional de Estatística, a taxa de risco de pobreza em Portugal foi de 15,4% em 2024, mesmo depois das transferências sociais. A estatística pode parecer fria, mas por detrás dela há vidas concretas: idosos a escolher entre medicamentos e aquecimento, famílias a fazer contas ao supermercado como quem decifra um tratado de sobrevivência, jovens licenciados a viver em quartos

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

2024

A pobreza portuguesa tornou-se uma espécie de mobiliário moral do país. Está lá, incomoda, mas já ninguém se levanta para a retirar da sala. Os telejornais mostram-na em dias de campanha solidária, os políticos lamentam-na com ar grave, os comentadores explicam-na com gráficos, e depois tudo volta ao seu lugar. O pobre permanece pobre, o sistema permanece sistema, e a indignação dura exactamente o tempo que vai do genérico de abertura ao intervalo publicitário.

O drama maior é a destruição progressiva da classe média. Durante décadas, ela foi vendida como a promessa democrática: estudar, trabalhar, comprar casa, criar filhos, ter algum descanso, envelhecer com dignidade. Hoje, para muitos, essa promessa tornou-se uma caricatura. Trabalha-se mais, paga-se mais, recebe-se menos em segurança existencial. A casa tornou-se miragem, a poupança tornou-se arqueologia, e o futuro passou a parecer um contrato de arrendamento com renovação incerta.

Graus universitários e vazio intelectual

Portugal gosta muito de diplomas. Tem por eles uma espécie de devoção cerimonial. O diploma, em muitos casos,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A OCDE assinala que, apesar do aumento das qualificações superiores entre os jovens portugueses, 38% dos adultos entre os 25 e os 64 anos continuam sem o ensino secundário completo. O mesmo retrato mostra que os desafios de literacia e competências continuam a pesar sobre a sociedade portuguesa.

Fonte: OCDE — Education at a Glance 2025: Portugal

Mas o problema não é apenas ter pouca escolaridade. É pior: é ter escolaridade sem densidade. É formar pessoas tecnicamente credenciadas, mas pouco habituadas a pensar, a discordar, a argumentar, a ler profundamente, a reconhecer manipulação, a resistir à propaganda, a compreender história, filosofia, ciência e cidadania.

O resultado é uma sociedade onde se multiplicam títulos e rareia a sabedoria. Onde se fala muito de competências, mas pouco de consciência. Onde se formam gestores de procedimentos, mas poucos criadores de mundo. Onde demasiados licenciados sabem preencher formulários, mas não sabem formular uma ideia original sem consultar primeiro a tribo, o chefe, o manual ou o algoritmo.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

quase antiga, como uma peça de mobiliário herdada de um avô republicano. Mas sem honra não há serviço público. Há apenas carreira, cálculo, imagem, facção, fidelidade partidária e sobrevivência tática.

O Parlamento, que deveria ser casa da palavra elevada, tornou-se demasiadas vezes palco de um diálogo de surdos. Discursos preparados para televisão, apartes para claque, indignações pré-fabricadas, moralismos de ocasião, ataques pessoais, slogans, ruído, encenação. Fala-se muito. Escuta-se pouco. Pensa-se quase nada.

A democracia não morre apenas quando há tanques na rua. Morre também quando as instituições continuam abertas, mas o seu espírito se esvazia. Quando os deputados representam aparelhos antes de representarem cidadãos. Quando os partidos se tornam máquinas de emprego. Quando a fidelidade ao chefe vale mais do que a fidelidade à verdade. Quando o país real desaparece por detrás das táticas parlamentares.

Segundo notícia da Reuters, Portugal tem sido atravessado por investigações de corrupção envolvendo antigos governantes, políticos, banqueiros, empresários e magistrados. A mesma notícia refere que, de acordo com um

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A Transparency International atribuiu a Portugal 56 pontos no Índice de Percepção da Corrupção de 2025, colocando o país na 46.^a posição entre 182 países. Não se trata apenas de um número. Trata-se de um sintoma: a confiança pública vai sendo corroída como pedra antiga em chuva ácida.

Fonte: Transparency International — Portugal, Corruption Perceptions Index 2025

As elites barrocas e o país ornamental

Portugal tem elites que gostam muito de se olhar ao espelho. Elites barrocas, decorativas, cerimoniais, especialistas em inaugurações, painéis, fundações, conselhos consultivos, jantares de influência e frases abstractas sobre inovação. Falam de futuro com sotaque de passado. Falam de modernização enquanto protegem estruturas gastas. Falam de mérito enquanto circulam nos mesmos corredores, com os mesmos apelidos, os mesmos favores, os mesmos convites e as mesmas portas semi-abertas para os de dentro e fechadas para os de fora.

São elites que raramente produzem ruptura criadora. Preferem gerir decadência com boas maneiras. Quando

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O país ornamental é isto: muita forma, pouca substância. Muito protocolo, pouca coragem. Muito discurso, pouca execução. Muito cargo, pouca responsabilidade. Muito currículo, pouca obra.

A televisão como sedativo nacional

A televisão portuguesa, salvo honrosas exceções, tornou-se uma fábrica de distração. Horas intermináveis de conversa mole, concursos, tragédia sentimental, crime convertido em entretenimento, indignação de estúdio, futebol como religião paralela e política reduzida a pugilismo verbal entre profissionais do comentário.

Um país que vê pouco debate sério dificilmente aprende a debater. Um país que recebe todos os dias ruído dificilmente aprende silêncio interior. Um país que é alimentado por escândalo, medo, sentimentalismo e futilidade dificilmente constrói cidadania adulta.

A televisão não é apenas espelho do país. Também o educa. Ou o deseduca. Quando a programação dominante infantiliza, simplifica, dramatiza e empobrece, não podemos depois admirar-nos de ter uma cidadania emocionalmente excitada, intelectualmente cansada e politicamente manipulável.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Há jornalistas sérios, corajosos e competentes. Mas o sistema mediático, como estrutura, foi sendo esmagado pela precariedade, pela dependência económica, pela velocidade digital, pela luta por audiências e pela transformação da notícia em mercadoria instantânea.

O Reuters Institute, no seu *Digital News Report 2025* sobre Portugal, descreve um ecossistema mediático marcado por dificuldades financeiras, insegurança profissional dos jornalistas e falta de reforma estrutural.

Fonte: Reuters Institute — Digital News Report 2025: Portugal

Quando o jornalismo perde tempo, perde investigação. Quando perde independência financeira, perde coragem. Quando perde coragem, ganha prudência servil. E quando a prudência servil se instala, a notícia passa a ser produto, o debate passa a ser espectáculo, e a verdade passa a ser uma inconveniência editorial.

O jornalismo de pasquim não nasce apenas de maus jornalistas. Nasce de uma sociedade que deixou de exigir profundidade. Nasce de leitores que querem indignação rápida. Nasce de proprietários que querem influência. Nasce de políticos que querem domesticação. Nasce de audiências

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Talvez o problema mais profundo seja a ausência de cidadania activa. Portugal tem eleitores, contribuintes, consumidores, utentes, pensionistas, clientes, espectadores. Cidadãos, no sentido pleno, tem menos do que deveria.

A cidadania exige participação, vigilância, leitura, coragem, responsabilidade, associação, memória histórica e capacidade de dizer não. Exige sair da resignação confortável. Exige deixar de esperar que alguém resolva tudo a partir de cima. Exige compreender que uma democracia sem cidadãos se torna apenas uma administração periódica do descontentamento.

Em Portugal, demasiadas vezes, a indignação termina onde começa o incómodo pessoal. Reclama-se, mas não se participa. Critica-se, mas não se fiscaliza. Desconfia-se, mas vota-se por hábito. Suspeita-se, mas aceita-se. Resmunga-se no café, mas evita-se o compromisso cívico. O país tem milhões de queixosos e poucos construtores.

E assim se perpetua o ciclo: políticos fracos alimentam cidadãos descrentes; cidadãos descrentes toleram políticos fracos; elites fechadas prosperam sobre a fadiga colectiva; e a mediocridade torna-se sistema operativo nacional.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

decadência. Há gente extraordinária neste país. Bons professores, bons médicos, bons engenheiros, bons programadores, bons operários, bons agricultores, bons cuidadores, bons cientistas, bons artistas, bons pequenos empresários, bons servidores públicos, boa gente anónima que todos os dias segura o país enquanto os palcos oficiais se enchem de vaidade.

O povo português tem ainda uma reserva profunda de bondade, resistência e engenho. O problema é que essa energia raramente se transforma em arquitectura colectiva. O talento individual perde-se em sistemas medíocres. A competência é esmagada por burocracias. A criatividade é desviada por falta de escala. A honestidade é frequentemente tratada como ingenuidade. A inteligência livre é vista como incómodo.

O país apodreceu em muitas das suas estruturas, mas não apodreceram todas as suas almas. Há ainda brasas de lucidez sob a cinza. Há ainda gente que pensa, cria, trabalha, escreve, inventa, ajuda, recusa, resiste. São poucos? Talvez. Mas a história nunca começou com multidões lúcidas. Começou quase sempre com minorias inquietas.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

pobreza. Não é a mediocridade. É a promoção da mediocridade. Não é o ruído. É a incapacidade de desejar silêncio. Não é a mentira. É a desistência de procurar a verdade.

Quando uma sociedade deixa de se espantar, começa a morrer por dentro. Já nada a fere, já nada a levanta, já nada a envergonha. Tudo passa. Tudo se relativiza. Tudo se esquece. O escândalo de hoje é substituído pelo escândalo de amanhã. A indignação é consumida como entretenimento. A memória pública tem a duração de uma notificação no telemóvel.

Um país sem espanto moral torna-se terreno fértil para todos os abusos. Porque o poder sabe que a fadiga é sua aliada. Sabe que o cidadão cansado protesta menos. Sabe que o pobre ocupado em sobreviver não tem tempo para fiscalizar. Sabe que o jovem sem futuro emigra. Sabe que o velho desiludido suspira. Sabe que o lúcido isolado escreve, mas raramente encontra multidão.

Conclusão: contra o pântano, a lucidez

Portugal precisa de muito mais do que reformas administrativas. Precisa de uma reforma moral, cultural e cívica. Precisa de recuperar a vergonha pública, a exigência, a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Precisa de escolas que ensinem a pensar, não apenas a passar exames. Precisa de universidades que formem consciências, não apenas currículos. Precisa de jornalismo que investigue, não apenas comente. Precisa de televisão que eleve, não apenas entretenha. Precisa de políticos com honra, não apenas habilidade. Precisa de elites que sirvam, não apenas se sirvam.

Sobretudo, precisa de cidadãos. Cidadãos inteiros, incômodos, vigilantes, livres. Cidadãos que não confundam paz social com anestesia. Cidadãos que recusem a normalização do pântano. Cidadãos que compreendam que a democracia não é uma máquina automática: é uma construção frágil, exigente, inacabada, que apodrece quando é entregue aos profissionais da mediocridade.

Um país não se salva apenas com crescimento económico. Salva-se quando volta a ter vergonha da sua própria decadência.

Talvez seja esse o primeiro acto de renascimento: reconhecer o cheiro do pântano. Recusar chamar-lhe normalidade. E começar, com a pequena lâmpada da lucidez na mão, a abrir caminho por entre a névoa.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Mas a coragem, ao contrário dos discursos oficiais, não se inaugura com fita azul e fotografia de ministros. Começa dentro de cada cidadão que decide, finalmente, deixar de ser espectador da sua própria ruína.

Referências

INE — Instituto Nacional de Estatística

15,4% em risco de pobreza em 2024

OCDE

Education at a Glance 2025: Portugal

Reuters Institute for the Study of Journalism

Digital News Report 2025: Portugal

Reuters

Portugal tightens anti-corruption rules to confiscate assets

Transparency International

Portugal — Corruption Perceptions Index 2025

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

demasiadas vezes esmagado por uma arquitectura colectiva medíocre, por elites fechadas, por instituições cansadas, por uma cultura cívica frágil e por uma normalização perigosa da decadência.

Publicado por: Francisco Gonçalves


Com co-autoria editorial de: **Augustus Veritas.**

Fragmentos do Caos — pensamento crítico, liberdade criadora e resistência contra a mediocridade.

 [GitHub Pages](#)

 [IPFS \(IPNS\)](#)

 **Fragmentos do Caos:** [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)